

Impolidez em textos *on-line* no *Facebook*: análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa

Impoliteness in on-line texts on Facebook: analysis of lexical choices in a textual-interactive perspective

Ricardo Rios Barreto Filho¹
Universidade Federal de Pernambuco
ricardo.rios@ufpe.br

Herbertt Neves²
Universidade Federal de Campina Grande
herbertt_port@hotmail.com

Kazue Saito Monteiro de Barros³
Universidade Federal de Pernambuco
kazuesaito@uol.com.br

Resumo: Com o aumento do tempo que o brasileiro passa nos *sites* de redes sociais, a Sociolinguística Interacional aumenta seu interesse em relação às interações nessas novas ferramentas, particularmente no *Facebook* – a mais utilizada no Brasil. Este artigo visa a estudar como se configura a impolidez em um texto *on-line* publicado no *Facebook* e qual o papel do léxico nos estudos da impolidez. Compreendemos aqui a (im)polidez como um fenômeno avaliativo por meio do qual é julgada a adequabilidade social dos comportamentos, normalmente rotulados como: polidos, impolidos, rudes, corteses, agressivos, excessivamente polidos etc. Por sua vez, a impolidez, segundo Culpeper e Hardaker (2017), é o termo técnico que designa os comportamentos normalmente julgados como inadequados socialmente. Para alcançarmos nosso objetivo, este trabalho propõe um estudo exploratório em que vamos analisar um texto publicado no *Facebook* observando as fórmulas convencionaliza-

¹ Professor no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

³ Professora titular no Departamento de Letras e no Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco; Pesquisadora bolsista de produtividade nível 1 do CNPq e assessora da Capes.

das de impolidez e as escolhas lexicais sob uma perspectiva textual-interativa. Os resultados apontam que o estudo do léxico contribui enriquecendo a análise da impolidez no que diz respeito aos aspectos linguísticos e que as características da interação no *Facebook* estimulam o aparecimento da impolidez muito mais direcionada aos posicionamentos ideológicos dos interlocutores do que a indivíduos em separado.

Palavras-chave: Interação; Impolidez; Léxico; *Facebook*.

Abstract: Due to the increasing time Brazilians spend on social-networking websites, Interactional Sociolinguistics has become more interested on the interaction by the means of these new media, particularly Facebook – the most used social media website in Brazil. This paper aims at studying the configuration of impoliteness in an online text published on Facebook as well as verifying the role of lexis in the impoliteness research. In this article, we understand (im)politeness as an evaluative phenomenon by which behaviors are judged regarding their social adequacy, so they are normally labeled as: polite, impolite, rude, courteous, aggressive, excessively polite etc. Moreover, impoliteness, according to Culpeper and Hardaker (2017), is the technical term that designates behaviors that are generally judged as socially inadequate. In order to achieve our goal, this paper reports an exploratory study in which we analyze a text published on Facebook, observing the conventionalized impoliteness formulae and the lexical choices in the light of the textual-interactive perspective. The results show that the study of lexis contributes to the analysis of impoliteness by accounting for linguistic aspects, and that some features of the interaction on Facebook stimulate that impoliteness is more directed to interlocutors' ideological positions rather than their individual selves.

Keywords: Interaction; Impoliteness; Lexis; Facebook.

Introdução

De acordo com os dados da Pesquisa Brasileira de Mídias (Brasil, 2015; 2016), a *internet* hoje ocupa o segundo lugar dos meios de comunicação mais utilizados, perdendo apenas para TV, ultrapassando o rádio e o jornal impresso. Essa popularização da *internet* estimula o crescimento de novas interações mediadas por meio de ferramentas cada vez mais diversificadas.

Dentre essas novas mídias presentes na *internet*, o *Facebook* é o *site* de redes sociais mais popular no país. Cerca de 89% dos internautas brasileiros fazem uso do *Facebook* (Brasil, 2015). Em vista desse dado, enquanto linguistas, preocupamo-nos com questões relacionadas à linguagem, particularmente à interação, tendo em vista que ainda são poucos estudos interacionais frente a essa nova realidade.

O aspecto que discutiremos neste trabalho diz respeito à configuração da impolidez em interações no *Facebook*. Entendemos, com base em Culpeper e Hardaker (2017), por impolidez os comportamentos normalmente considerados inadequados socialmente, geralmente rotulados como rudes, agressivos, grossos, impolidos etc. Para eles, o termo impolidez, embora não seja muito usual, pode

servir como termo técnico para designar esse fenômeno. Como os autores, estamos centralmente preocupados nas avaliações do discurso; no nosso caso, o discurso que aparece no *Facebook*.

Adotando uma perspectiva sociointeracional da linguagem, entendemos aqui que as análises devem se pautar em aspectos tanto contextuais quanto linguísticos. Neste estudo, temos como objetivo desenvolver uma pesquisa exploratória, por meio da análise de um texto publicado no *Facebook* em que a impolidez se faz presente. Ilustramos como a impolidez se configura em um texto *on-line*, também demonstrando o papel das escolhas lexicais na análise dessa impolidez. Assim, pretendemos conjugar duas linhas de estudo: as teorias da (im)polidez de orientação discursiva (Eelen, 2001; Watts, 2003; Spencer-Oatey, 2005; Culpeper, 2011; Culpeper; Hardaker, 2017) e a perspectiva textual-interativa de estudo do léxico (Marcuschi, 2003; 2004; Antunes, 2012; Neves, 2011; 2018). Buscamos, dessa maneira, apresentar uma possibilidade de trabalho com a impolidez por meio da análise do léxico.

Para tanto, dividimos o trabalho da seguinte maneira: na primeira seção, são discutidas algumas características da interação no *Facebook* relevantes aos resultados das análises; na segunda seção, apresentamos os estudos da (im)polidez de modo a definir os conceitos que guiam a pesquisa, particularmente o de (im)polidez e de fórmulas convencionalizadas de impolidez; na terceira seção, apresentamos e definimos a noção de perspectiva textual-interativa do estudo do léxico e apresentamos alguns conceitos que servem de categoria de análise para este trabalho; na quarta seção, são apresentados os procedimentos de coleta e tratamento de dados bem como a nossa análise de um texto *on-line*; e, por último, oferecemos nossas considerações finais que reúnem os principais achados e desdobramentos do trabalho.

Aspectos da interação no *Facebook*

o *Facebook* é um *website* de redes sociais que foi fundado no ano de 2004 por um grupo de estudantes da Universidade de Harvard. No início, a página virtual era utilizada para facilitar a comunicação entre estudantes universitários. No entanto, com a popularização da *Web 2.0*, que estabeleceu novos padrões de uso da tecnologia por meio dos quais os usuários começaram a ter postura mais ativa na produção de conteúdo *on-line*, o *Facebook* passou a ter cada vez mais usuários, chegando à marca de 1 bilhão de pessoas conectadas em 27 de agosto de 2015, de acordo com os números apresentados pela página da própria companhia⁴.

Conforme mostram Barton e Lee (2013), o *Facebook* se organiza a partir de perfis de usuários, chamados de linha do tempo. Ao escreverem atualizações nas suas linhas do tempo, os usuários também colocam esses textos disponíveis no *feed* de notícias dos seus amigos e seguidores. Esses dois espaços (*feed* de notícias e linha do tempo), apesar de inter-relacionados, não são a mesma coisa.

A linha do tempo apresenta textos escritos, compartilhados ou direcionados a um mesmo usuário. Por outro lado, o *feed* de notícias trata-se de uma coletânea de textos produzidos, compartilhados ou curtidos por usuários relacionados (amigos ou seguidos). Há, ainda, particularidades como a presença de propagandas e textos patrocinados e a possibilidade de ocultar textos compartilhados por

⁴ Conforme o link: https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal. Acesso em 21 de novembro de 2018.

determinadas pessoas, seja pela exclusão de um usuário da rede de amigos seja pela possibilidade de deixar de seguir algum outro usuário sem que ele saiba.

Em relação às modalidades da linguagem vistas no *feed* de notícias, pode-se encontrar textos multimodais com a presença de áudio, vídeo e imagem, inclusive retirados de outros *sites* de redes sociais como o *Instagram*, *Twitter* e *YouTube*. Neste trabalho, analisaremos espaços de escrita específicos do *Facebook*: as atualizações de *status* ou, simplesmente, *posts*, com comentários e réplicas.

Segundo Barton e Lee (2013, p. 55), os espaços de escrita são os lugares em que os textos *on-line* são produzidos. Esses espaços apresentam ao usuário comum, que não necessariamente tem grandes conhecimentos técnicos, a possibilidade de produzir textos para serem compartilhados na *internet*. No *Facebook*, alguns espaços de escrita são: 1) o *inbox*, que se trata de compartilhamento de mensagens instantâneas privadas; 2) os comentários e réplicas de comentários, que podem ser feitos sobre os textos de outras pessoas; e 3) as atualizações de *status* ou *posts*, quando o usuário atualiza a sua linha do tempo ao mesmo tempo em que alimenta o *feed* de notícias dos seus amigos e seguidores. Os três espaços de escrita tratados nessa pesquisa (*posts*, comentários e réplicas) estão ilustrados na Figura 1:

Figura 1: espaços de escrita no Facebook
Figure 1: writing spaces on Facebook



Fonte: acervo pessoal

Outra característica importante na interação *on-line*, por meio dos *sites* de redes sociais, é que o que está disponível ao usuário não é uma página em branco, conforme observam Barton e Lee (2013, p. 29). Os próprios espaços de escrita são exemplos de limitações impostas aos usuários nas suas práticas.

Com isso, podemos concluir que o modo de escrita nas redes sociais é parcialmente livre, pois há limitações impostas pelo *design* do *website*. Contudo, vale destacar que essas limitações não conseguem fazer o controle total dos participantes das redes sociais, pois os usuários podem criar possibilidades de uso que não eram previstas no momento de sua estruturação.

Sobre esse assunto, Barton e Lee (2013, p. 28) destacam o conceito de *affordances*, que se caracterizam como as “possibilidades e limitações para ações que as pessoas seletivamente percebem em qualquer situação”. Esse conceito, advindo da abordagem ecológica da percepção, pode ser usado para explicar as práticas de linguagem de usuários do *Facebook*, que ora obedecem aos limites impostos pelo *design* do *website*, ora (re)criam possibilidades de interação não previstas. Como exemplo dessa imprevisibilidade, podemos considerar o uso do *Facebook* para fins educacionais, pois a plataforma não é pensada/desenhada para tal, mas pode ser (e é) vastamente utilizada como recurso didático – uma possibilidade de uso não preestabelecida pelos *designers*.

Em vista do exposto, compreendemos o *Facebook* como um espaço de interação que apresenta infinitas possibilidades de uso, pois não podemos determinar com exatidão todos os *affordances* percebidos pelos usuários. Contudo, não se pode desconsiderar, ao analisar interações em *sites* de redes sociais, que há características limitadoras desses ambientes, notadamente: os espaços de escrita disponíveis e as funcionalidades pensadas pelos *designers* (curtir, reagir, usar memes, a possibilidade de excluir ou deixar de seguir usuários, entre outros, no caso do *Facebook*).

Estudos da (im)polidez⁵

Os estudos da impolidez são provenientes da preocupação com a polidez na Linguística, de modo que é quase impossível falar de uma sem considerar a outra. A preocupação com a polidez linguística iniciou-se dentro dos estudos da Pragmática, com forte inspiração da Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1962) e Searle (1979), e do Princípio da Cooperação, de Grice (1991).

Os pioneiros nos estudos da polidez estavam preocupados em compreender porque violamos, em vários momentos, as máximas conversacionais que constituem o Princípio da Cooperação, a saber: quantidade (não fale mais que o necessário), qualidade (fale informações verdadeiras), relevância (seja relevante ao objetivo central da mensagem), maneira (seja objetivo e evite a ambiguidade). Para Lakoff (1973), a violação é explicada por meio do Princípio da Polidez, segundo o qual os falantes buscam manter relações harmoniosas e evitam conflitos.

Para essa autora, há situações em que é mais importante considerar o *status* social dos participantes de uma interação do que o conteúdo proposicional do enunciado. Por essa razão, há situações em que o

⁵ No trabalho, utilizamos o termo polidez para nos referirmos aos comportamentos normalmente avaliados como socialmente aceitos e não esperados e impolidez para aqueles comportamentos normalmente avaliados como não aceitos socialmente. Por sua vez, o termo (im)polidez – grafado com o pré-fixo entre parênteses – é aqui utilizado para referir-se ao termo geral que abrange de forma não dicotômica tanto a polidez quanto a impolidez.

Princípio da Polidez tem mais destaque do que o Princípio da Cooperação. Segundo essa perspectiva vinda da pragmática tradicional, os estudos da polidez devem encontrar estratégias ou máximas que expliquem e ilustrem escolhas linguístico-discursivas que sirvam para garantir a polidez, vista como atenuação de conflitos inerentes à linguagem. Ganharam notoriedade nesse contexto os trabalhos de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), que se dedicaram a estudar estratégias e máximas de polidez respectivamente.

Por meio desse aparato teórico, a impolidez – uso da linguagem para causar conflitos – foi quase que esquecida, pois, de maneira geral, as primeiras abordagens de estudo da polidez consideravam a impolidez como um comportamento anômalo, ou seja, a ausência de um princípio básico para interação humana. Esse ponto de vista evitou, por algum tempo, que a impolidez pudesse ter um tratamento sistemático dentro da Linguística. No entanto, na década de 1990, surgiu uma das primeiras tentativas de trabalho sistemático com a impolidez em Culpeper (1996). Neste trabalho, o autor desenvolveu a ideia de estratégias de ataque à face, o que se caracteriza como a tentativa de olhar o outro lado da moeda da polidez (preservação de face).

O modelo do autor fazia referências claras ao trabalho de Brown e Levinson (1987), fortemente atrelado ao conceito de racionalidade, preservação de face (ataque no caso da impolidez) e dos atos de fala. Ambos os modelos, tanto o de polidez (Brown; Levinson, 1987) quanto o de impolidez (Culpeper, 1996) são criticados em função de problemas semelhantes, dentre eles: 1) o foco demasiado na forma, pois essas teorias caracterizam-se por descreverem escolhas linguísticas associadas a estratégias de atenuação ou agravamento de atos de atos de fala, o que acaba tratando nuances de sentido como ironia, sarcasmos e (im)polidez simulada como meras exceções a regras; 2) o foco quase que exclusivo no falante, pois não há teorização complexa sobre a percepção, por parte dos ouvintes, acerca das escolhas linguísticas eleitas pelos falantes; 3) o foco no enunciado como unidade de análise, deixando de lado porções maiores de discurso e dados contextuais situados.

Em meio ao surgimento dessas críticas, apareceram abordagens que se propunham a resolver alguns desses problemas, as chamadas abordagens discursivas. Mills (2011) explica que esses modelos teóricos se apoiam em diversas tendências da Linguística e outras ciências para possibilitar uma análise de contextos situados da (im)polidez.

Nesse quadro, destacam-se os trabalhos de Eelen (2001), Watts (2003) e Spencer-Oatey (2005). Um traço em comum desses autores é o foco na avaliatividade, conceito que destaca a natureza avaliativa da (im)polidez:

Diariamente, a (im)polidez ocorre nem tanto quando o falante produz o comportamento, mas quando o ouvinte avalia o comportamento [...] *a essência da (im)polidez está nesse momento avaliativo*. Mesmo que haja ouvintes avaliando falantes, falantes avaliando a si próprios, ou informantes avaliando falantes hipotéticos ou enunciados, esse momento avaliativo sempre estará presente. De fato, na prática este parece ser o único jeito que a (im)polidez possa ser estudada. *A avaliação é, portanto, a maneira primordial de ser da (im)polidez* (Eelen, 2001, p. 109, tradução e ênfases nossas).

As palavras de Eelen (2001) são fundamentais para a maneira como a (im)polidez é aqui compreendida, pois, em vez de considerá-la como um sistema de preservação ou ataque da face de interlocutores, compreendemos, com base no autor, a (im)polidez como uma forma de avaliação social dos discursos.

Dessa maneira, são importantes não somente as escolhas linguísticas feitas por determinados falantes, mas principalmente a forma como elas são avaliadas a partir de critérios estabelecidos no contexto interacional.

Em vista do exposto, podemos pensar em uma análise sociointeracional da impolidez, ou seja, que não está focada apenas em descrever estratégias consagradas na língua para minimizar ou iniciar conflitos, mas principalmente em descrever como as escolhas linguísticas são avaliadas dentro de um contexto sociointerativo situado. Nessa conjuntura, Spencer-Oatey (2005, p. 97) explica que a (im)polidez é “o julgamento subjetivo que as pessoas fazem acerca da adequação social de comportamentos verbais e não verbais”. Por sua vez, Watts (2003, p. 168) defende que as “estruturas linguísticas não denotam polidez por si mesmas, mas se prestam à interpretação individual em instâncias de fluxos de interação verbal”.

As abordagens discursivas destacam, portanto, a importância de observar contextos situados no estudo da impolidez. Por meio dessa observação, podemos perceber que o foco muda, pois, enquanto as abordagens de base pragmática preocupam-se em descrever estratégias e máximas, associando-as a escolhas linguísticas, as abordagens discursivas preocupam-se em demonstrar como falantes comuns evidenciam no discurso as suas avaliações de (im)polidez.

Com isso, julgamos relevante considerar que as diversas abordagens de estudos da (im)polidez – de base pragmática ou discursiva – não são, na verdade, antagônicas, mas sim complementares, no sentido de que apresentam objetivos diferentes. Enquanto as abordagens pragmáticas desenvolvem teorias preditivas que buscam compreender a polidez antes mesmo que ela aconteça, as abordagens discursivas apresentam análises *ex-post-facto* de situações de (im)polidez.

Culpeper (2011) propõe uma linha de estudo intermediária com a qual possamos apresentar os estudos da impolidez de forma abrangente, em que tanto as escolhas linguísticas quanto o contexto discursivo sejam levados em consideração. O autor observa que podemos pensar em formas convencionalizadas de impolidez, que se caracterizam como estruturas linguísticas comumente usadas para causar ofensas.

O quadro de fórmulas convencionalizadas de impolidez foi desenvolvido a partir da observação de diversas interações consideradas impolidas e do mapeamento das expressões linguísticas mais comuns nesses contextos. Para realizar essa tarefa, o autor teve de cumprir dois objetivos centrais: 1) definir que critérios utilizaria para identificar uma interação como impolida; 2) mapear, por meio de análise estatística, quais escolhas linguísticas são frequentes nesses contextos.

No que diz respeito à primeira tarefa, Culpeper (2011) explica que os dados de impolidez podem ser caracterizados a partir da observação dos seguintes aspectos:

Emoções: a impolidez normalmente é associada a sentimentos como raiva, humilhação, desgosto, revolta etc.

Metalinguagem: é possível que, em situações de impolidez, apareçam termos que demonstrem avaliação impolida da linguagem como rude, grosseira, agressiva, ofensiva etc.

Cotexto: porções mais abrangentes de texto – não apenas expressões normalmente associadas à impolidez – podem demonstrar avaliações de impolidez.

Comentários retrospectivos: comentários de interactantes após a interação⁶.

⁶ Esses comentários são achados principalmente em relatos de (im)polidez, quando informantes de pesquisa são solicitados a reportarem situações de (im)polidez já vivenciadas. Culpeper (2011) fez um uso extensivo desse tipo de instrumento de pesquisa.

Certas reações não verbais: especialmente na linguagem oral, é comum que certos gestos, expressões faciais e prosódia estejam associados à impolidez; nas interações *on-line*, por sua vez, os emoticons, emojis e memes também são recursos não verbais que podem estar associados à impolidez.

Fórmulas convencionalizadas de impolidez: expressões linguísticas normalmente associadas a contextos de impolidez⁷.

Para caracterização das fórmulas convencionalizadas de impolidez, Culpeper (2011) analisou situações em que a impolidez parecia ser um padrão, como, por exemplo, em programas de TV de “baixaria”, grafites e treinamentos militares em inglês britânico. O Quadro 1, a seguir, resume as fórmulas catalogadas por Culpeper (2011) traduzidas para língua portuguesa:

Quadro 1: Fórmulas convencionais de impolidez⁸
Chart 1: Conventionalized impoliteness formulae

Fórmulas convencionais de impolidez	Exemplo
Insulto (vocativos negativos personalizados)	seu idiota
Insulto (afirmações negativas personalizadas)	você é uma puta
Insulto (referências negativas personalizadas)	no seu cu
Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)	aquela tapada
Crítica/reclamação acentuada	Isso tá uma merda
Desafio, perguntas ou pressuposições desagradáveis	Por que você faz a minha vida impossível?
Arrogância	Você está sendo infantil
Reforços de mensagens	Escuta aqui!
Dispensas	Vai se foder (no sentido de sai daqui)
Silenciadores	Cala tua boca
Ameaças	Eu vou dar um tiro na porra da tua cabeça se você tocar no meu carro
Maldições e maldizeres	Vá tomar no cu

Fonte: retirado e traduzido de Culpeper (2011, p. 135-136)

Conforme explicado, esse quadro foi desenvolvido a partir da observação de dados da língua inglesa, particularmente o inglês britânico, principal objeto de estudo de Culpeper (2011). No entanto, essas fórmulas convencionalizadas de impolidez também podem ser usadas para inspirar análises em outras línguas, conforme veremos na análise deste trabalho.

Particularmente, acreditamos que as fórmulas convencionalizadas de impolidez podem ser ob-

⁷ Culpeper(2011) chama atenção de que as fórmulas per se são indícios fracos de que uma interação seja caracterizada como impolidez, pois costumeiramente elas são usadas em situações de impolidez simulada.

⁸ O quadro traz nos seus exemplos bastantes palavras de baixo calão, contudo é importante considerar que as fórmulas convencionalizadas de impolidez não se restringem à presença de palavrões.

servadas em interações em português brasileiro, mesmo porque essas fórmulas não são um modelo finito de análise. O tratamento das fórmulas pode nos oferecer uma postura minimamente prévia em relação ao nosso objeto de estudo. Não obstante, é sempre a relação entre escolhas linguísticas e aspectos sociointeracionais que poderá fornecer uma análise mais complexa das avaliações da (im)polidez nas interações. Nossa análise demonstra como as fórmulas convencionalizadas de impolidez podem contribuir para uma abordagem sociointeracional do fenômeno em questão.

Concepção textual-interativa do léxico

Há alguns autores, mais tradicionais, que veem o léxico como o conjunto de palavras de que o falante de uma língua dispõe para fazer uso (Biderman, 2001), mas reconhecem, também, que essa é uma conceituação que não dá conta da total dimensão do componente lexical em uma língua. Villalva e Silvestre (2014, p. 20), por exemplo, explicam que “o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua, mas [acrescentam que] nenhuma das partes dessa afirmação [sobre o conceito de léxico] é incontroversa”. Em outras palavras, o léxico não pode ser reconhecido unicamente como uma lista. Ele está ligado a outros elementos que passam pela textualidade e pela construção sociocognitiva do discurso (Marcuschi, 2003; 2004).

Reconhecer o caráter de complexidade do léxico, em uma língua, abre caminho para estudar seu papel a partir de diferentes fenômenos linguísticos. Entre eles, Antunes (2012, p. 34-49) destaca: as relações entre as palavras e seu papel na construção da textualidade, os fenômenos semântico-pragmáticos permitidos pelo léxico, os efeitos de sentido decorrentes do uso das palavras (o que nos remete, ainda, a relações entre léxico, sociedade e cultura) e as questões de identidade ligadas ao emprego do léxico. A esses destaques, podemos somar o estabelecimento de vínculo estreito com a cultura, a mobilidade e flexibilidade do léxico e as (im)possibilidades a que ele está sujeito na dinâmica da língua.

Para considerar o léxico com esse tipo de abordagem, propomos, então, uma postura que aceite que

O aspecto lexical constitui [um] núcleo da observação. Contudo, não se trata de descrever o léxico sob o ponto de vista de uma teoria lexical, mas de observá-lo no seu aspecto enunciativo. [...] Defende-se a posição de que o léxico não funciona autonomamente, mas em conjugação com outros fatores [dentro do texto e da interação]. Assim, **estudar léxico é também estudar contexto** (Marcuschi, 2003, p. 2, grifos do autor).

Nessa visão, torna-se mais evidente perceber que nossa análise do léxico não pode ser desvinculada do trabalho com o contexto sociocomunicativo, a cultura, os gêneros textuais, o discurso, a interação, enfim. É por isso que buscamos trabalhar com uma noção discursiva de léxico, um componente da língua “ligado centralmente aos processos de produção de sentido e às demais atividades linguísticas relacionadas à propriedade sistêmica da língua” (Marcuschi, 2003, p. 3). Num quadro mais amplo de conceituação do léxico, Antunes (2012) indica que ele

Pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da

gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem (Antunes, 2012, p. 27).

Essa conceituação mais genérica suscita, ainda segundo a autora, outros pontos mais específicos ligados ao papel do léxico na construção dos sentidos na interação verbal.

É o léxico responsável pela representação linguística dos elementos que percebemos no mundo. Para Castilho (2010, p. 109), compõem o léxico de uma língua “matrizes cognitivas armazenadas no cérebro, associadas à sua representação linguística”. Não é suficiente, pois, estudá-lo sem levar em consideração uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, embora também acreditemos que a adoção unicamente dessa perspectiva não dá conta de dimensões interacionais da língua.

Ainda nessa percepção de léxico, pode-se conceituá-lo como “um inventário de categorias e subcategorias cognitivas e de traços semânticos inerentes” (Castilho, 2010, p. 110). É, por isso, reducionista entendê-lo unicamente como uma lista de palavras de que dispomos para rotular as coisas. Indo mais além, aceitamos que “esse inventário [...] [pode] ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras” (Castilho, 2010, p. 110). Mais uma vez, cabe lembrar que esse inventário é moldado em situações reais de interação verbal.

Por estar vinculado à construção sociocognitiva que o usuário da língua desenvolve na produção de sentidos na interação verbal, o léxico se situa também como um elemento de uma cultura social. Isso se comprova no fato de que, nas línguas naturais, “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa” (Antunes, 2012, p. 28). O léxico empregado por uma pessoa, então, é reflexo direto de suas experiências socioculturais.

Ainda por ser um componente da língua relacionado a uma espécie de “memória” social, cognitiva, cultural, obtida nas experiências de interação verbal, o léxico é naturalmente plástico, maleável, passível de constantes mudanças. De acordo com Marcuschi (2004, p. 270), “é o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”. Acreditamos que seja essa, talvez, a característica do componente lexical que torna seu trabalho na descrição e análise da língua portuguesa tão afastado da realidade da língua e dos usos comunicativos.

Dentro dessa perspectiva textual-interativa, podemos caracterizar vários elementos lexicais de uma língua. Neste trabalho, optamos por caracterizar algumas lexias que apareceram no *corpus*. São elas: os substantivos abstratos, os pares substantivo-adjetivo e os verbos implicativos.

Para Neves (2018), a presença de um substantivo abstrato em um texto vai depender do objetivo daquele texto (gênero textual). O substantivo será mais concreto ou mais abstrato a depender do valor referencial que aquele item lexical assume no discurso. Segundo a autora, “os substantivos concretos têm referentes individualizados, enquanto os abstratos remetem a referentes que se abstraem de outros referentes, os quais, por sua vez, são denominados por outros substantivos” (Neves, 2018, p. 260). Assim, entende-se que a referência de um substantivo abstrato é mais dependente do contexto que a referência de um substantivo concreto. Essa propriedade dos substantivos abstratos torna-os elementos importantes para a impolidez, uma vez que podemos atacar um interlocutor de maneira indireta, sem fazer, necessariamente, uma referência explícita a ele.

Para Neves (2018), os substantivos representam um conjunto de propriedades atribuídas a um objeto do discurso. A função do adjetivo, então, seria dar destaque a algumas dessas propriedades. Assim, dentre todos os traços que possam ser atribuídos ao substantivo ‘homem’, por exemplo, podemos mostrar que ele é um homem ‘grande’, ‘bonito’, ‘inteligente’, utilizando-nos de adjetivos para destacar algumas propriedades daquele substantivo. Em construções em que o par substantivo-adjetivo é mais fixo na língua, essa relação se intensifica. É o caso, por exemplo, da expressão ‘prato feito’, que ganha um funcionamento na língua que só pode ser atingido na relação entre as palavras ‘prato’ e ‘feito’ em contextos específicos. Isoladamente, esses itens lexicais não marcam tal significado. Utilizadas em situações de impolidez, essas estruturas substantivo-adjetivo também adquirem significações específicas na interação.

A terceira categoria a que demos destaque são os verbos implicativos. De acordo com Neves (2011, p. 35), “nos predicados implicativos está envolvida a noção de condição necessária e suficiente, que apenas determina se o estado de coisas descrito na oração completiva ocorre ou não”. Eles podem ser afirmativos, como ‘conseguir’, ‘lembrar(-se)’ ou ‘ocorrer’, ou negativos, como ‘evitar’, ‘esquecer(-se)’ ou ‘abster-se’. A compreensão desse tipo de verbo fica mais evidente analisando-se sua relação com seu complemento. Tais itens lexicais estão ligados, semanticamente, à capacidade cognitiva dos interlocutores, mostrando a presença ou ausência de alguma habilidade cognitiva. Por isso, são estratégias recorrentes na impolidez, uma vez que podem ser usados para atacar diretamente as faculdades cognitivas do interlocutor.

Coleta, tratamento e análise de dados

O exemplo analisado neste trabalho faz parte do banco de dados do Núcleo de Estudos da Fala e da Escrita (NELFE), sediado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e está associado ao projeto “Avaliações da (Im)polidez em Interações *on-line* no *Facebook*”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPE, sob o CAAE de número 84947518.7.0000.5208. Todos os textos utilizados, aqui e no projeto, são marcados como públicos e, portanto, estão disponíveis a todos os usuários que tenham acesso ao *Facebook*.

Por questões de responsabilidade ética, os dados foram editados para retirar nomes, imagens e referências que possam identificar de alguma forma os usuários participantes das interações. Por essa razão, o autor do *post* é identificado como “Autor do post”, e os demais usuários que comentaram nos textos serão nomeados de “Comentador(a)” 1, 2, 3, e assim sucessivamente, conforme a ordem cronológica de aparecimento na interação.

Além disso, não foram feitas demais edições nos textos, além daquelas já apontadas. Portanto, as escolhas linguísticas, abreviaturas e emojis foram todos feitos pelos autores das postagens, comentários ou réplicas. Os gêneros do autor dos *posts* e comentadores foram igualmente mantidos para corresponder aos dos usuários reais. Os termos em **negrito** e **sublinhado** correspondem a *hiperlinks* nos textos originais.

Considerando o excerto 1 abaixo, podemos perceber que o autor do *post* compartilha um texto verbo-visual que foi bastante divulgado nos *sites* de redes sociais, por vários usuários, durante a veiculação de notícias sobre prisão do ex-presidente Lula, em 2018. Sobre esse momento histórico, é

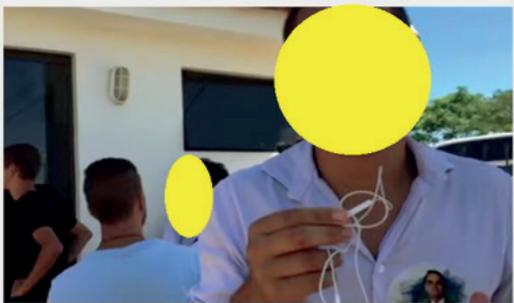
importante considerar, como um dado contextual importante, a grande controvérsia sobre o assunto, pois esse fato foi apreciado de forma positiva ou negativa, a depender da postura política de quem compartilhava e lia as notícias, conforme é exemplificado pelo Excerto 1 a seguir.

No *Facebook*, um dos *affordances* praticados pelos usuários são as discussões sobre temas políticos que podem apresentar diversas características tanto de polidez quanto de impolidez. Nesta discussão, o autor do *post* compartilha uma notícia sobre um rapaz que, de acordo com o título do texto compartilhado, teria atacado a caravana do ex-presidente Lula. No subtítulo da notícia, é criada uma apreciação negativa da atitude em relação ao rapaz que realizou, de acordo com o informado, o ataque à caravana do ex-presidente, apesar de ter sido, alegadamente, beneficiado pelos programas sociais promovidos por Lula quando presidente. Podemos perceber que o texto publicado apresenta uma crítica acentuada direcionada ao rapaz, por meio da classificação de sua atitude como um caso emblemático de analfabetismo político.

A questão controversa (requisito para um debate) que dá início à discussão entre o Autor do *post* e o Comentador 1 diz respeito à crítica de que a atitude do rapaz representa o analfabetismo político, como demonstra a primeira frase do comentário 1:

Excerto 1 Discussão no *Facebook*

Excerpt 1 Argument on *Facebook*

<p><i>Post</i></p>	<p><u>Autor do post</u> compartilhou um <i>post</i>:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
<p>Comentários:</p>	

1	<p>Comentador 1: <u>Analfabetismo político seu!</u>⁹ O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! Lembre-se que <u>Hittler também fez muita coisa em prol do povo alemão</u> por isso por eles foi “ungido”, mas o preço dessa idolatria custou caro ao povo alemão. Portanto, <u>parem (você e demais mentes psicóticas) de querer conferir poderes divinos ao apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula),parem de conferir-lhe uma honraria da qual ele não é merecedor.</u> Lula não fez nada por amor ao Brasil, por abnegação e renuncia, mas <u>por pura vaidade e oportunismo criminoso!</u> Por isso já foi condenado em duas instâncias.</p> <p>1.1 Autor do post: Uma obrigação que em 500 anos não havia sido cumprida... Diga-se de passagem... <u>Só esse detalhinho que você esqueceu...Soldadinho de Chumbo. Pare bater continência e lambar as botas dos teus superiores...Ouse pensar por si mesmo.</u></p> <p>1.2 Comentador 1: Autor do post Meu amigo, somos exatamente iguais, feito da mesma matéria, ao fim e ao cabo vamos todos descansar sobre 7 palmos. O único detalhe é que o PT te faz pensar que vc tem pensamento autônomo, <u>mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!</u></p> <p>1.3 Autor do post: Você mencionou parte dos eventos da vida, a matéria... A energia que nos move ou a alma que nos sustenta é bem distinta... <u>As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...</u></p>
	<p>Comentador 2: <u>Teu “éreis” NUNCA fizeram!Aproveita e posta aqui os feitos do teu “presidenciável” em 27 anos de Câmara Federal!!!Nada!!!NENHUM</u> projeto que beneficiasse ou melhorasse as condições de trabalho nem das FAs, nem PMs e muito menos Polícia Civil! 27 inúteis anos! Nem manifestações de apoio!!<u>NADA!!!</u> Um completo <u>ENGODO!!!</u></p> <p>2.1 Comentador 1: <u>Quem são meus heróis? Caxias? Maria Quitéria? Kkk</u></p> <p>2.2 Comentador 2: <u>FHC, Aécio Escobar, Japa da Federal, Cunha, tucanomoro, Temer, dallagnol, Alexandre Frota, Kim Katanguiri...entre outros</u></p>

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos da Fala e da Escrita (NELFE).

Conforme já comentamos, a existência das fórmulas convencionalizadas de impolidez não garante por si só que a interação seja avaliada como impolida. No entanto, observamos, nesse exemplo, fortes indícios de impolidez, justificados principalmente pela análise das escolhas verbais associadas ao cotexto e contexto.

Em relação ao cotexto, podemos chamar atenção para a estrutura de provocação-reação criada ao longo do diálogo. Primeiramente, podemos observar a clara relação entre a alegação de analfabetismo

⁹ As marcas convencionalizadas de impolidez (Culpeper, 2011) estão sublinhadas.

político, vista como uma crítica acentuada, no texto compartilhado, e a primeira frase do comentário 1, “Analfabeto político é você!”. Mais abaixo, a réplica 1.1 responde, por meio da arrogância, ao comentário 1, insinuando uma falta de pensamento autônomo por parte do Comentarador 1, quem, por sua vez, devolve da mesma forma, por meio de uma crítica acentuada, também alegando falta de pensamento autônomo do Autor do *post*, na réplica 1.2.

No que tange ao contexto, a análise também precisa se pautar nos aspectos históricos e ideológicos que estão atrelados à discussão. Podemos observar que essa estrutura provocação-reação é constituída por uma cadeia de fórmulas de impolidez inter-relacionadas discursiva e textualmente, associadas a duas posições político-ideológicas confrontantes. Essa observação é bem ilustrada pelos itens lexicais escolhidos nas fórmulas de impolidez presentes nesse exemplo. Parece-nos bastante evidente que ambos os interactantes direcionam suas ofensas não somente aos seus interlocutores diretos, mas principalmente às ideologias que eles trazem consigo.

Em relação a esse aspecto, vemos com bastante regularidade, em interações em redes sociais, que a impolidez, em boa parte das vezes, não se direciona a indivíduos, mas principalmente aos posicionamentos ideológicos associados aos interactantes. Percebamos, por exemplo, que o Comentarador 1, apesar de não ter sido o alvo da crítica acentuada no *post*, parece ofender-se, pois não aceita a crítica feita pelo Autor do *post*. Outro aspecto que coaduna com essa reflexão é que os insultos e silenciadores empregados no comentário 1 não estão apenas direcionados ao Autor do *post*, mas principalmente ao grupo do qual ele faz parte, o que fica explicitado no uso do verbo ‘parar’ na segunda pessoa do plural, nas linhas 6 e 8. Em vista dessa questão, não é incomum, em interações no *Facebook*, que os interlocutores ofendam-se com críticas ou ofensas não direcionadas a si, o que fica comprovado com a participação dos Comentaradores 1 e 2 na interação.

Em observação às fórmulas convencionais da impolidez de Culpeper (2011), o quadro 2 apresenta a localização e as fórmulas sublinhadas no texto analisado:

Quadro 2: Fórmulas convencionalizadas de impolidez presentes no Excerto 1
Chart 2: Conventionalized impoliteness formulae from Excerpt 1

Localização	Fórmula Convencionalizada de Impolidez
Post	<ul style="list-style-type: none">• <i>Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)</i>: o termo “analfabetismo político” pode ser classificado dessa forma, pois, embora não tenha sido direcionado ao Comentarador 1, parece tê-lo ofendido, haja vista a crítica acentuada no comentário 1.
Comentário 1	<ul style="list-style-type: none">• <i>Crítica acentuada</i>: a frase “Analfabetismo político seu!”, na primeira linha, direcionada ao Autor do <i>post</i>, em resposta ao insulto presente no subtítulo do texto compartilhado.• <i>Silenciadores</i>: o uso das frases verbais iniciadas pelo verbo “parem” no modo imperativo, demandando silenciamento de ideias, nas linhas 6 e 8.• <i>Insulto (vocativos negativos personalizados)</i>: nos termos “você e demais mentes psicóticas”, na linha 6.• <i>Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)</i>: os sintagmas nominais “apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula)” e “oportunismo criminoso”, em referência ao ex-presidente Lula, nas linhas 7 e 10, respectivamente.

<p>Réplica 1.1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arrogância</i>: na frase “Só esse detalhizinho que você esqueceu”, na linha 2, pois o uso do diminutivo de detalhe parece ser irônico em comparação ao que se refere, uma obrigação de 500 anos. O uso da ironia, nesse caso, parece-nos destacar o alegado desconhecimento dos fatos históricos, por parte do Comentador 1, segundo o ponto de vista do Autor do <i>post</i>, o que acaba por conferir-lhe uma posição de superioridade ou maior conhecimento. • <i>Insulto (vocativos negativos personalizados)</i>: no vocativo “Soldadinho de chumbo”, na linha 3, uma clara referência ao militarismo. • <i>Desafios desagradáveis</i>: nas frases verbais “Pare de bater continência... Ouse pensar por si mesmo”, nas linhas 3, 4 e 5, outra referência clara ao militarismo.
<p>Réplica 1.2</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Crítica acentuada</i>: no trecho “mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!”, nas linhas 5 e 6, em que o comentarista critica o discurso usado pelo Autor do <i>post</i>.
<p>Réplica 1.3</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arrogância</i>: no fragmento “As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...”, nas linhas 3, 4 e 5, cujo sentido implica certa superioridade ideológica e espiritual, por meio de uma clara resposta à alegação de igualdade material feita na réplica 1.2, nas linhas 1, 2 e 3.
<p>Comentário 2</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Crítica acentuada</i>: Em “Teu “éreis”[sic] NUNCA fizeram!”, em que o Comentador 2 critica os heróis atribuídos ao Comentador 1, ao mesmo tempo que os desqualifica como heróis haja vista o uso proposital do erro ortográfico “éreis”. • <i>Reforços de mensagens</i>: por meio do uso da caixa alta na grafia de “NUNCA”, “NADA” e “ENGODO”. O uso da caixa alta neste contexto está normalmente associado à entoação de gritos na linguagem da <i>internet</i>. • <i>Desafios desagradáveis</i>: no trecho “Aproveita e posta aqui os feitos do teu “presidenciável” em 27 anos de Câmara Federal!!!”, cujo objetivo parece ser tanto criticar o candidato Jair Bolsonaro, então presidenciável nas eleições de 2016, quanto identificar o Comentador 1 como eleitor desse candidato.
<p>Réplica 2.1</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Arrogância</i>: as referências aos heróis militares Maria Quitéria e Duque de Caxias, combinadas com o uso do “kkk”, marca convencionalmente associada a risos, parecem desqualificar a fala do Comentador 2 ao mesmo tempo em que demonstram uma desidentificação do Comentador 1 com a identidade que lhe é atribuída pelo Comentador 2 (de alguém que considera o candidato à presidência como herói, por exemplo).
<p>Réplica 2.2</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Insulto (referência negativa a terceiros na presença do alvo)</i>: na associação do político Aécio Neves com o traficante Pablo Escobar, que gerou o insulto “Aécio Escobar”, e do então juiz Sérgio Moro ao partido político PSDB, cujo mascote é um tucano, gerando o insulto “tucanomoro”. Essa forma de insulto é particularmente peculiar, pois não é uma ofensa direta ao Comentador 1, mas pode ser visto como uma ofensa, pois o identifica como admirador dessas figuras que são caracterizadas como bandido e corrupto.

Em conjunto com as categorias de análise já destacadas (fórmulas convencionalizadas de impolidez, cotexto e contexto), também devemos enfatizar a função ocupada pelas escolhas lexicais, considerando a perspectiva textual-interativa aqui defendida. Sobre esses aspectos, destacamos as seguintes escolhas lexicais: o emprego dos substantivos abstratos, dos pares substantivo-adjetivo e dos verbos implicativos.

Emprego dos substantivos abstratos

Observamos que o Comentador 1 utiliza-se, inicialmente, de substantivos como ‘analfabetismo’ e ‘idolatria’. Esses itens lexicais dão destaque a traços semânticos que simbolizam pouca criticidade, falta de conhecimento. O substantivo ‘analfabetismo’ indica as propriedades daquele que não sabe ler e, por isso, não tem como ter acesso a informações de maneira mais autônoma, crítica. Da mesma maneira, o substantivo ‘idolatria’ também indica propriedades relacionadas à falta de autonomia e criticidade, uma vez que sua significação aponta para pessoas que seguem indistintamente as opiniões de determinado ídolo.

Esses substantivos põem em relevo o objetivo do Comentador 1: desqualificar a opinião do Autor do *post* por meio de elementos lexicais que aludem à falta de conhecimento, podendo, dessa forma, atribuir maior validade a uma visão política contrária.

Em sua refutação, o Autor do *post* também se utiliza de um substantivo abstrato para marcar a contraposição de opiniões. Ao empregar o item lexical ‘diferenças’ para afirmar que há muitos contrastes entre as visões políticas dos interlocutores, o Autor do *post* pretende se colocar em um grupo com uma visão de mundo mais humanizada politicamente, segundo o seu próprio ponto de vista. Esse substantivo permite que se estabeleçam cognitivamente dois polos de visão política: o do Autor do *post*, que acaba não sendo totalmente caracterizado, uma vez que o objetivo de sua refutação é ressaltar os elementos negativos da visão do Comentador 1, e o do Comentador 1, que terá seus aspectos negativos ressaltados pelo uso de outros itens lexicais, como ‘FHC’, ‘Aécio Escobar’, ‘Temer’ (utilizados como refuta pelo Comentador 2), entre outros. O emprego desses substantivos próprios indicando pessoas ligadas a esquemas de corrupção e atividades ilícitas mostra essa caracterização negativa do Comentador 1.

Emprego dos pares substantivo-adjetivo

Um segundo recurso lexical utilizado são os pares substantivo-adjetivo, lexis interligadas sintática e semanticamente para exercer algum papel textual-discursivo, a depreciação da opinião do interlocutor, no caso em análise.

O Comentador 1 faz uso, por exemplo, de três dessas lexis. Ao empregar a expressão ‘discurso pronto’ para caracterizar a opinião do Autor do *post*, o Comentador 1 pretende mostrar a falta de embasamento e criticidade nas informações trazidas por seu interlocutor. No processo de textualização, a expressão serve, ainda, para resumir tudo que foi anteriormente dito pelo Autor do *post*, o que garante uma força retórica maior a esse recurso: é como se tudo o que foi enunciado anteriormente perdesse a validade para o embate, uma vez que se trata de algo pronto, sem base empírica ou racional.

A segunda expressão utilizada pelo Comentador 1 é ‘mentes psicóticas’, para atacar a face do Autor do *post* e das pessoas que compartilham de sua ideologia. Mais uma vez, a intenção é de desqualificar o discurso do Autor do *post*, tentando mostrar, agora, que a explicação para esses ideais é patológica. O uso do plural intensifica essa desqualificação porque passa a incluir não apenas o Autor do *post*, mas o grupo ideológico do qual ele faz parte.

A terceira expressão é ‘apedeuta sem dedo’, utilizada para caracterizar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, indicado pelo Comentador 1 como mentor intelectual do Autor do *post* e de seu grupo ideológico. O uso de ‘apedeuta’ busca caracterizar o ex-presidente Lula como alguém desprovido de inteligência, o que, conseqüentemente, também atacaria seus seguidores. Para que o interlocutor consiga identificar que a expressão se refere a Lula, é essencial a locução adjetiva ‘sem dedo’, que remete a uma característica física do ex-presidente.

Para refutar as acusações trazidas pelo Comentador 1, o Autor do *post* também faz uso de um par substantivo-adjetivo, com um adjetivo perifrástico: ‘Soldadinho de chumbo’. Essa expressão mostra que todas as acusações feitas pelo Comentador 1 não passam de um discurso pronto trazido por alguém que cumpre, às cegas, a função de reproduzir ideais reacionários propagados por seu grupo ideológico. Com essa lexia, o Autor do *post* busca remeter, ainda, ao militarismo e a uma obediência acrítica.

Emprego de verbos implicativos

Outro elemento que indica a desqualificação da opinião dos interlocutores é o emprego dos verbos implicativos afirmativo (lembrar-se) e negativo (esquecer). O Comentador 1 solicita que o Autor do *post* se lembre de determinadas informações que, em sua visão, provariam o equívoco das ideias presentes no *post*. O emprego do verbo ‘lembrar-se’ indica que o Comentador 1 atribui a opinião de seu interlocutor a uma falta de conhecimento ou pelo menos esquecimento a respeito de importantes fatos históricos, na visão do Comentador 1.

Como réplica, o Autor do *post* também busca desqualificar a opinião do Comentador 1. Dentre outros recursos lexicais, também lança mão do verbo implicativo ‘esqueceu’, também para mostrar que a opinião de seu interlocutor é infundada por falta de informações.

Conforme pudemos observar, a análise das escolhas lexicais presentes na interação em muitos aspectos corroboram com a análise das fórmulas convencionalizadas de impolidez, pois apontam para a tentativa de ataque aos interlocutores, por meio do ataque às ideologias às quais eles se associam (ou pelo menos são alegadamente associados). Dessa forma, defendemos, por meio de nossas análises, que a junção entre os estudos pautados pelas teorias da (im)polidez e pela perspectiva textual-interativa do léxico podem atuar de forma complementar e enriquecedora para a análise da impolidez em contextos sociointeracionais situados.

Considerações finais

Esse estudo, conforme apontamos na introdução, pretende defender investigações sobre a (im)polidez com base na análise das estruturas linguísticas em junção com o estudo do contexto sociointe-

racional. Dessa maneira, conjugamos aqui duas perspectivas complementares para atingir nosso objetivo, notadamente: os estudos da (im)polidez e a perspectiva textual-interativa do léxico.

Como achados de pesquisa, podemos apontar os seguintes aspectos: a) a relação enriquecedora entre o estudo das fórmulas convencionalizadas de impolidez e a abordagem textual-interativa do léxico; e b) a configuração da impolidez na *internet*, por exemplo, em relação ao direcionamento dos ataques presentes na interação, os quais estão mais voltados para os posicionamentos ideológicos dos interlocutores do que para os indivíduos especificamente.

Sobre a relação entre o estudo das fórmulas convencionalizadas da impolidez (Culpeper, 2011) e a perspectiva textual-interativa do léxico (Marcuschi, 2003; 2004), podemos perceber que uma é dependente da outra, uma vez que as fórmulas tomam corpo a partir das escolhas lexicais, que, por sua vez, são diretamente ligadas às necessidades interacionais dos interlocutores. Neste caso, o tratamento que fazemos da (im)polidez é uma medida intermediária, conforme defendido por Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017), pois, além de observar os fatores cotextuais e contextuais, não abandona a análise das estruturas linguísticas, que não apenas trazem consigo as significações da língua, mas também servem aos interesses sociointeracionais dos usuários. Em outras palavras, a abordagem aqui exemplificada pretende estudar a língua em uso, considerando a análise tanto de contextos situados quanto de estruturas que compõem as línguas, particularmente o léxico e as convencionalizações.

No que diz respeito aos aspectos da (im)polidez nas interações no *Facebook*, este artigo ilustra uma de suas características regulares: o ataque aos posicionamentos ideológicos dos interlocutores. Conforme pudemos acompanhar nas análises, a maior parte dos insultos, críticas acentuadas e silenciadores não são direcionados a um interlocutor específico, mas ao posicionamento ideológico ao qual ele se associa ou é associado. Além disso, as formas de entrada na interação, por parte dos Comentadores 1 e 2, são indicativos de que os usuários do *Facebook* podem ofender-se com ataques não direcionados a eles individualmente, pois os dois usuários fizeram uso de impolidez para atacar visões políticas contrárias às suas e não porque foram diretamente ofendidos. Apesar de precisarmos de mais análise de dados empíricos para corroborar com essa observação, acreditamos que o fato de o *Facebook* quase sempre se caracterizar como um diálogo público de múltiplos participantes pode influenciar para que a impolidez se configure dessa maneira, pois as funcionalidades técnicas e *affordances* dessa ferramenta tecnológica estimulam para que as pessoas tenham legitimidade para confrontar-se com os outros.

De modo geral, esse trabalho reafirma a defesa de que os estudos da (im)polidez devem pautar-se pela análise das escolhas linguísticas em contexto. Ressaltamos, ainda, os benefícios que os estudos do léxico podem oferecer aos estudos sociointeracionais. Dessa forma, ratificamos a necessidade de mais estudos que, como esse, possam conjugar a perspectiva textual-interativa do léxico com a impolidez.

Referências

ANTUNES, I.C. 2012. *Território das palavras*: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo, Parábola Editorial, 176 p.

AUSTIN, J.L. 1962. *How to do things with words*. Londres, Oxford University Press, 166 p.

BARTON, D.; LEE, C. 2013. *Language online: investigating digital texts and practices*. London, Routledge, 2013, 208 p. <https://doi.org/10.4324/9780203552308>

BIDERMAN, M.T.C. 2001. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 357 p.

BRASIL. 2015. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília, Secom, 153 p. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 08/08/2017.

BRASIL. 2016. *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília, Secretaria de Comunicação Social - Secom, 153 p. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em: 08/08/2017.

BROWN, P.; LEVINSON, S.C. 1987. *Politeness: some universals in language usage*. New York, Cambridge University press, 358 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

CASTILHO, A.T. 2010. *Nova gramática do português brasileiro. História do português de São Paulo*, 13(1):7-16. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i1p7-16>

CULPEPER, J. 1996. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal Of Pragmatics*, 25(1):349-367. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)

CULPEPER, J. 2011. *Impoliteness: using language to cause offence*. New York, Cambridge University Press, 308 p.

CULPEPER, J.; HARDARKER, C. 2017. Impoliteness. In: J. CULPEPER; D. KÁDÁR; M. HAUGH (ed.). *The palgrave handbook of (im)politeness*. **United Kingdom**, Palgrave, 824 p.

EELLEN, G. 2001. *A critique of politeness theory*. Manchester, St. Jerome, 280 p.

FACEBOOK. 2019. *Somos mais juntos*. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/?ref=page_internal. Acesso em: 08/08/17.

GRICE, P. 1991. Logic and conversation. In: P. GRICE. *Studies in the way of words*. Cambridge, Harvard University Press, Cap. 1, p. 1-144.

LAKOFF, R.T. 1973. *The logic of politeness: or, minding your p's and q's*. Chicago, Chicago Linguistics Society, 14 p.

LEECH, G. 1983. *Principles of pragmatics*. New York, Longman, 250 p.

MARCUSCHI, L.A. 2004. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: L. NEGRI; M.J. FOLTRAN; R.P. OLIVEIRA (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo, Contexto, 2004, p. 263-284.

- MARCUSCHI, L.A. 2003. *O aspecto lexical no processo de textualização*. Recife. 33 p. [Projeto de Pesquisa não publicado].
- MILLS, S. 2011. Discursive approaches to politeness and impoliteness. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (ed.). *Discursive approaches to politeness*. [s.l], De Gruyter Mouton, p. 19-56. <https://doi.org/10.1515/9783110238679>
- NEVES, M.H.M. 2018. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo, Editora da Unesp, 1400 p.
- NEVES, M.H.M. 2011. *Gramática de usos do português*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Unesp, 1008 p.
- NELFE. Núcleo de Estudos da Fala e da Escrita. Ano. *Banco de dados*.
- SEARLE, J.R. 1979. *Expression and meaning: studies in the theories of speech acts*. New York, Cambridge University Press, 187 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511609213>
- SPENCER-OATEY, H. 2005. (Im)Politeness, face and perceptions of rapport: unpackaging their bases and interrelationships. *Journal Of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture*, **1**(1):95-119. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.95>
- VILLALVA, A.; SILVESTRE, J.P. 2014. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis, Vozes, 248 p. (Coleção de linguística)
- WATTS, R.J. 2003. *Politeness*. New York, Cambridge University Press, 304 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511615184>

Submetido: 30/11/2018

Aceito: 27/05/2019